



Como escrever memórias entre
ventos, nuvens e enchentes?
Carta ao Laboratório de
Criação e Investigação da Cena
Contemporânea - 10 anos.

Martha Ribeiro
Thiago Piquet
Renata Alves
Joana Caetano
Raíza



Personagem

Revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades

Resumo:

O Número Zero de *Personagem: revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades* reúne textos de autores vinculados à *Diálogos: rede internacional de pesquisa*. Os leitores encontrarão escritos sobre histórico, trajetórias e modos de pesquisar e conviver em coletivos acadêmicos e/ou artísticos no Brasil, Equador, China, Índia, Portugal, Colômbia e Argentina. O presente resumo é unificado para todos os artigos, que originalmente foram escritos por perspectivas mais ensaísticas e narrativas. Ressalta-se que o formato, bem como o estilo de cada texto, nessa edição especial de lançamento da revista, corresponde ao desejo de partilha de seus autores na relação com seus pares, o que garante ao número uma amplitude diversa de práticas coletivas de pesquisa e, por consequência, de experimentar o escrever sobre elas, ao redor do mundo.

Palavras-chave: Rede de Pesquisa; Educação; Linguagem; Teatralidades



Apresentação

Voltar no tempo. Escrever um artigo sobre o Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea - LCICC¹ - é, talvez, reinventá-lo, ou, ganhar um novo fôlego para novas invenções. É compreender o seu tamanho, o abismo entre seu significado interno, repleto de memórias, realizações, produções, e o seu tamanho para fora de nós, nas porções de afeto e de imaginação pulverizadas e dispersas entre tantas encruzilhadas. O tempo investido, as relações que se estabeleceram, e que se partiram, os tantos compromissos e dificuldades enfrentados para fazer poesia, fazer cena, ensinar, de dentro do palco, que teatro é acontecimento, é movimento no vento, partículas de poeira que enxergamos apenas naquele feixe de luz, provocado por uma piscadela furtiva, entre frestas. Claro que poderíamos usar como metodologia (desse escrever), juntar pedaços das pesquisas que fiz para criar a encenação, o movimento de cena, a dramaturgia das quatro peças e dos três estudos pirandellianos que o compõe; ou juntar os fragmentos de textos, os muitos artigos que escrevi e documentos que circularam entre jornais, revistas acadêmicas, sites e da produção viva que emergia dos ensaios ao longo desses 10 anos de treinamento de performers e de artistas na criação de espetáculos para além das produções de mercado. Mas a opção aqui não poderia ser uma escrita solitária, pois fomos e somos muitos, tantos ecos, vozes, caos, tempestades, ruídos de mais de cem estudantes e artistas que de algum modo estiveram nesse território utópico de criação e de ensino. Foi uma produção artística corajosa e inovadora. Sim, corajosa, feita com tantos alunos e artistas de dentro e fora de uma universidade (UFF) que não tem um curso em artes da cena. Muitos, desses mais de cem artistas, estudantes e profissionais da cena, passaram rapidamente pelo laboratório, poucos ficaram mais tempo, como Renata, Joana, Ariel, Geovana, Leopoldo, Giulia e apenas um que esteve o tempo todo, Thiago Piquet. Um projeto corajoso, feito de utopias e heterotopias, como nos instigou Foucault.

Neste ponto, tomo um gole de água e percebo o quanto é importante trazer para essa apresentação um pouco mais do que foi esse início do LCICC com a sofisticada inspiração do dramaturgo italiano Luigi Pirandello (1897-1936). No laboratório realizamos um Pirandello que não se encontra na leitura de suas peças. Aqui, nesse projeto que chamei de *Pirandello contemporâneo*, se trata de um outro Pirandello, muito mais radical, irreverente, cruel, dissidente. Um Pirandello mais brasileiro, mais carnal, mais direto e erótico que arranquei o verniz para cavucar o que tinha de sangue, tremor, lágrimas e dor, muita dor, entramadas em suas palavras veladas. Tirar o véu, arrancar as máscaras e perceber que por trás delas não há mais nada além da dor das memórias difíceis, faz sangrar. Há de

¹ Neste link (<https://www.facebook.com/labcriacaocenacontemporanea>) há uma série de imagens de espetáculos e de eventos da produção do LCICC de 2013 até hoje. Os vídeos sobre essas produções, o leitor pode consultar no canal youtube (endereço: [lcicc_uff](https://www.youtube.com/channel/UCToNa9xDpZAI7wdnJdoTjiw)) , <https://www.youtube.com/channel/UCToNa9xDpZAI7wdnJdoTjiw>. No Instagram também há muito material <https://www.instagram.com/laboratoriodacena/>, e no link linktr.ee/lciccuff



haver coragem para isso. E nós fizemos!



Evolução de nossas logos e mascote (Unicórnio rosa) ao longo dos anos.

Antes de continuarmos, um pedido. Esse texto é feito das ondas, gestos e movimentos que nos chegam da memória, ele precisa que você leitor visite os links e os códigos QR que estão por aqui, para que nossa viagem por dentro desses 10 anos de investigação, estudos e produção artística no LCICC possa, de alguma forma, puxar os fios que ficaram pelo caminho do tempo e te alcançar, lá, na epiderme profunda dos afetos. Mesmo que você, provavelmente, jamais tenha ouvido falar, ou visto esses meus e nossos *Fantasmas* encarnados que viveram no laboratório suas histórias bem-ditas.

2013

Abro um pedido de fomento no ProEXT pela UFF - o projeto *Pirandello contemporâneo*. Primeiro projeto de teatro da Universidade Federal Fluminense ligado ao Instituto de Artes e Comunicação Social que tem como meta a criação de um laboratório continuado de pesquisa e investigação da cena contemporânea: o LCICC. Ganhei o fomento. Comecei o projeto com uma audição aberta para artistas e estudantes das artes no Solar do Jambeiro, que foi nossa residência artística por 1 ano. Os alunos ganharam bolsas de estudo para participarem do projeto, minha aluna de Mestrado Marcela Amaral foi contratada como editora dos vídeos e mídia, a designer Bel Brito criou toda a arte do projeto - site, flyers, logo do Pirandello - e comecei o projeto com um treinamento para atores gratuitamente. Entre eles, um ator e depois amigo, que também foi o fotógrafo de grande parte das imagens de cena: Augusto Fontes! Generoso, talentoso, um sonhador. Perdi seu contato, uma pena. Minha aluna de Mestrado, a Úrsula Bahiense, hoje Mestre, participou dos Estudos e me ajudou muito com os relatórios, com a transcrição do treinamento que eu aplicava. Como esse trabalho foi importante para organizar o caderno de exercícios e o trabalho que desenvolvi com os performers. Foram suas anotações que me ajudaram a publicar o que eu fazia, ali, no calor da hora. Foi muito bom tê-la por perto Úrsula. Desse treinamento investigativo nasceram os três Estudos pirandellianos que se debruçaram sobre duas peças icônicas - *Os seis personagens à procura do autor*; *Essa noite se representa de improviso*; e duas peças curtas, *O Homem da Flor na Boca* e *A Saída* (pouco conhecida por aqui). Essas peças se transformaram em três intervenções: *Os seis visitam o Solar*; *Improviso*; *Fantasmas*, reunidas no que chamei de *Toda noite antes de dormir eu*



vejo coisas! Trilogia Pirandello. Era tudo muito artesanal, feito com figurinos de outros espetáculos que fiz fora da Universidade, com elementos de cena que fui inventando e pe-
neirando em feiras, e uma trilha musical de fragmentos de músicas que deram o tom do
que queria como atmosfera sonora para os estudos. Nomeei Estudos, e não espetáculos,
pois a ideia era manter o frescor de um ensaio, de uma pesquisa cênica, para construir
um método de criação artístico investigativo, que fizesse dos textos de Luigi Pirandello
uma ponte para uma linguagem contemporânea, multimídia, performativa, mais erótica,
repleta de tempestades visuais e sonoras. Os artistas e os alunos que fizeram a Trilogia
expurgaram, junto comigo, suas fantasias, seus delírios, seus medos e desejos de forma
livre. Não havia espaço para nenhum tabu, nenhuma palavra era silenciada. Tudo o que
Pirandello insinuou em seus textos virou carne exposta, ali, naqueles estudos, ali no espa-
ço do Solar do Jambreiro, em Niterói. Criamos um site *Pirandello Contemporâneo* - <https://pirandellocontemporaneo.uff.br/> - com a síntese da pesquisa e do material investigativo
feito com os performers e alunos envolvidos. Há um *Diário Digital*, um caderno dentro do
site, com muitos detalhes sobre o processo dessa Trilogia, os treinamentos que fiz, mui-
tas imagens desse primeiro ano do LCICC.

Podem visitar por aqui, se preferirem:



<https://drive.google.com/file/d/1QPf6C4t2EMz0Z0NGDOBQx24lsGdlumsS/view?usp=sharing>

Caderno Pirandello 2014

Fim do fomento do ProEXT, não renovaram nosso pedido. Sem verba! Sem espaço!
Mas com muito desejo de continuar. E se toda heterotopia é o que não tem lugar, esta-
va no lugar certo. E busquei outras residências, e finalmente encontrei: o *Teatro Popular*
Oscar Niemeyer, em Niterói. Estava em festa. Novas audições. Novos estudantes. Novos
artistas. No primeiro espetáculo criado por mim no LCICC, continuei com Pirandello, os
Estudos se agigantaram em mim e nos performers que puderam continuar. Tudo aquilo
que vivemos na Trilogia precisava virar um espetáculo, e foi assim que nasceu *Mas afinal,*
quantos somos nós? (2014). O espetáculo estreou no Teatro Popular Oscar Niemeyer,
nossa residência artística por um longo tempo, e depois fez temporada no Teatro da UFF.
Sua dramaturgia foi uma amálgama entre textos curtos de Pirandello, que trabalhei em
Fantasma - O homem da flor na boca e *A saída* - e as pulsões dos estudantes, que tive-
ram o primeiro contato com uma perspectiva performativa em Pirandello. Busquei por



uma nova abordagem cênica de sua obra. Fragmentos de textos atravessados por imagens poéticas que mergulharam fundo no inconsciente pirandelliano (e nosso). Chamei o espetáculo de *peça-filme/paisagem*, pois na fricção com esses textos curtos criei quatro paisagens imagéticas e um intermezzo (um vídeo só com os pés da bailarina, sangrando). Paisagens sonoras que deram carne ao tema da morte em Pirandello. Estava pronto o roteiro das imagens fílmicas para a criação. *Paisagem 1: Natureza Morta. Paisagem 2: Coração na Boca quer Dançar; Intermezzo: O Pé da Bailarina. Paisagem 3: Epitáfio de um Pedaco de Carne; Paisagem 4: O Homem não Cabe Dentro de um Quadrado e um Círculo*. Nesse projeto sem verba, uma legião de técnicos e artistas de fora da UFF quisessem colaborar, participar, estar ali com os estudantes da UFF e com essa artista professora que aceitou o desafio de criar um espetáculo sem um centavo. Foi de uma beleza enorme a parceria com esses profissionais sonhadores Isadora, Marcela, Luiz Carlos, Nathan, Amanda, Danuza, Karla, João, eles fizeram um trabalho excepcional junto aos mais do que criativos estudantes de cinema, de produção cultural, de artes, junto aos meus orientandos do Mestrado do PPGCA e Bolsista PIBIC: Mika, Bernardo; Ariel, Geovana; Gabriela, Joana; Renata e Thiago. Saudades dessa turma junta, produzindo arte, se divertindo em cena. Era uma alegria. Alegria! A prova dos 9. E fomos selecionados para participar da mostra internacional Slomvaz festival no 13o Quadrienal de Praga (2015). UM SONHO que nos movimentou e que nos fez buscar por recursos... mas ficou no sonho. Mas conseguimos produzir um livreto chamado *O outro Pirandello*.

Visitem o projeto do espetáculo por aqui:



<https://drive.google.com/file/d/1cYQQRBS9Ua1zZC5ma7OSMkvHMyY4byAQ/view?usp=sharing>

Projeto Mas afinal, quantos somos nós?

Visitem também o livreto *O Outro Pirandello*, aqui:



<https://drive.google.com/file/d/1sRSt7Lglu7EGoL-ynKu9P5A3RUG1oNJm/view?usp=sharing>

O Outro Pirandello

2015. 2016. 2017. 2018. 2019... pandemia...

A alegria de fazer, produzir, cozer o *Mas afinal, quantos somos nós?* Apesar de tantas



dificuldades e tropeços me impulsionou a continuar com a utopia de um laboratório continuado de investigação da cena contemporânea na UFF, e realizei mais três produções de espetáculos, um pós-doc na Itália na Università di Bologna (2015/2016), que me ajudou a terminar de escrever meu livro *Realismo sedutor: o corpo-teatro e a invenção de realidades* (2022, Coleção LiCorEs, Ed. Hucitec, São Paulo), trazendo o que acredito que o teatro possa ser, e uma série de eventos com o projeto *Encontro com artistas, conversas indisciplinadas*, que trouxe para a UFF, entre 2017 e 2018 oito conversas presenciais com nomes da cena contemporânea brasileira: a Cia. *Dos à Deux*, com Artur Ribeiro; *Aquela Cia. de teatro*, com Marco André Nunes, Carolina Virgüez, Pedro Kosovski; *Armazém Companhia de teatro*, com Paulo de Moraes; A Cia. *Coletivo Comum* de São Paulo (*Kiwi*) com Fernanda Azevedo e Fernando Kinas; Bárbara Santos, do CTO; *Teatro de Extremos* com Fabiano de Freitas; Samile Cunha, O Grupo Galpão, com Inês Peixoto e Eduardo Moreira, entres outros². A permanência de uma pequena equipe no LCICC, mas gigante por sua natureza guerreira, formada no espetáculo *Mas afinal, quantos somos nós?* em sua maioria alunos, mas também artistas de fora da UFF que continuaram comigo, acreditando nessa nave louca que é o LCICC, não me deixaram parar. Os espetáculos que vieram depois do projeto *Pirandello Contemporâneo - Serata futurista, ou como as palavras são cheias de ar* (colagem de textos, dramaturgia e direção Martha Ribeiro); *Eu sou eu porque meu cachorrinho me conhece* (colagem de textos de Gertrude Stein, dramaturgia e direção Martha Ribeiro); *Amor não recomendado* (texto, dramaturgia e direção Martha Ribeiro) - já não traziam textos de Pirandello, outras apostas foram feitas e me pus a escrever cada vez mais para o LCICC e para os atores residentes. Mas confesso que ele, Pirandello, sempre esteve lá e aqui e certamente estará acolá.

Cada um desses espetáculos me proporcionou muitos encontros, de grande riqueza e diversidade humanas, trouxe também novos parceiros e amigos para dentro do LCICC, artistas que contribuíram com a realização dessa produção investigativa. Todos foram fundamentais, todos foram essenciais, todos foram perfeitos. Mas alguns foram muito mais do que especiais nessa trajetória: Nathália, aluna da produção cultural, que já era uma atriz empírica, sensível, e que está por aí no mundo da arte, linda. Geovana! Primeiro aluna depois parceira, baiana produtora que acreditou comigo na potência transformadora do LCICC; Egley, figurinista incansável em sua criatividade com os elementos; Leopoldo, meu cúmplice de cena, meu iluminador dos três últimos espetáculos, tão generoso e talentoso, um artista; a atriz e pesquisadora da cena Carolina Virgüez, minha amiga, que esteve conosco durante seu Mestrado no PPGCA e que trabalhou comigo treinando os atores para o espetáculo *Amor não recomendado* (2018); Igor Peres, um jovem artista já brilhante na época e que atuou no *Serata futurista ou como as palavras são cheias de ar*, e que esse ano con-

2 Para maiores detalhes sobre os eventos [https://www.facebook.com/search/events?q=encontro com artistas](https://www.facebook.com/search/events?q=encontro+com+artistas)



quistou o Prêmio Pipa como artista visual; Eduardo Ibraim, um performer sensível, meu amigo, que esteve no espetáculo *Eu sou eu porque meu cachorrinho me conhece*; O músico Gerbert Périssé, aluno PIBIC, que somou com a gente na guitarra e nas músicas originais de todos os três espetáculos pós Pirandello; não pode faltar o ator intuitivo, artista, artesão, o mais doce ser humano que passou pelo LCICC, e que esteve conosco em quase tudo, Ariel Philippe! Com saudade escrevo seu nome; e tantos e tantas e tantas que nos ajudaram a fazer isso tudo! E em todos esses momentos, bons, ruins, gozosos, terríveis, maravilhosos, com gargalhadas homéricas, noites insones e de muito trabalho, esteve Thiago Piquet que fez uma bela trajetória no LCICC e na UFF: de aluno de extensão, para bolsista PIBIC, para Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes, ele, bailarino, preparador corporal, produtor cultural, gente boa, eu abraço bem forte.

Amor não recomendado foi a última produção teatral antes da pandemia cair sobre nossas (todas) as cabeças... hibernando o LCICC, o que me parece um sinal, um presságio... falar de amor talvez não seja mesmo recomendado, falar de amor só se pode falar quando algo chega ao fim, quando algo se encerra, só nesse momento final que podemos virar a cabeça para trás, longe de todo ressentimento, e saber que foi amor, mesmo com dor, com luto, com silêncios. O amor só pode ser falado depois que tudo decanta, que tudo se amansa, que tudo se desmitifica... ao final é quando sabemos que estivemos bem perto do amor, e esse bem perto é quando tudo acaba. No entanto, que história de amor espera seu fim? Reviver o processo desses espetáculos, nesses dias de escrita e de reencontro virtual com Renata, Joana, Thiago e Raíza me fez revirar memórias, sentimentos e afetos densos, guerreiros, indisciplinados, adornados por uma beleza fugidia... como toda criação, que para ser criação, precisa produzir encruzilhadas. Tantos corpos, tantas gentes, tantas histórias, tantas realidades, tantas belezas, tantas dificuldades, tantas conquistas... impossível transformar todos esses encontros em palavras para compor um artigo. O Laboratório iniciou com moinhos de vento (nossa mascote é um unicórnio rosa, delirante, com uma gargalhada furiosa) e um *Fantasma*, o dramaturgo que me acompanhou por tanto tempo de pesquisa: Luigi Pirandello. Esse italiano, dramaturgo, ou melhor, siciliano, apaixonado pelo teatro, me deu uma dissertação, uma tese, um pós-doutorado, me deu um livro (*Luigi Pirandello, um teatro para Marta Abba*. Ed, Perspectiva, 2010), e me provocou dois espetáculos (*Quando se é alguém*, 2009, Teatro Leblon e Municipal de Niterói, com a cia. *Os F... privilegiados* e *Mas afinal, quantos somos nós?* 2014, Teatro Oscar Niemeyer, Teatro da UFF, com o LCICC). Pirandello fez nascer em mim, um *Outro Pirandello*³, um espelho de mil lados que assoprou no meu ouvido que não existe nenhuma

3 Foi desenvolvido um livreto que nomeei *O Outro Pirandello*. O livreto pode ser consultado no link <https://drive.google.com/file/d/1sRSt7Lglu7EGoL-ynKu9P5A3RUG1oNJm/view?usp=sharing> ou no QR code lá em cima. Há também um artigo que pode ser consultado em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8989/7165>



verdade no fim do túnel, caça-lá é se enovelar num mar de angústias e armadilhas; que eu sou o que lhe parece ser, a realidade é como a enxergamos; que vivemos improvisando quem ou o que podemos ser; que as palavras são cheias de ar, voam, mudando a direção com a menor brisa; que cada um é mil, nenhum e cem mil, e nem mesmo um cachorrinho pode me ajudar a saber quem eu sou eu. Somos loucos, dançarinos, atores, somos e não somos, mas buscamos o amor, ainda que não recomendado. Então, essa escrevivência (como nos ensina Conceição Evaristo) só pode vir enovelada dramaturgicamente, com outras memórias, que não apenas as minhas: *Se for para escrever para o Laboratório, que seja como dramaturgia!*

Martha Ribeiro

Título provisório: **DEPOIS DA TORMENTA**

PERSONAGENS : RENATA, THIAGO, JOANA, MARTHA, RAÍZA, VOZES

ANTES DO PANO ABRIR.

VOZES MURMURAM:

Vozes: 10 anos. Pirandello. quantos somos? Os seis visitam o solar. respira. fantasmas. 2013. Solar do Jambeiro. 1,2,3 girou. Improviso. berra. abismos. cachorrinho me conhece. Mas afinal quantos somos nós?. Glauce Rocha. teatro vazio. respira. MAC. Serata futurista, Palavras são cheias de ar. manifestos. teatro é legião. cabaré. flor na boca. 2014. mascote. é agora que o drama começa. preparamos isto. Martha. coração na boca. pés da bailarina. a arara loura falará. Cidade das Artes. 2015. eu estou bem. Centro Cultural Carioca. 5,6,7,8 anda. palhaço. coelho. orgasmo no nascimento. Gertrude Stein. Teatro das ruínas. unicórnio rosa. Le Corbusier. mágica. 2016. não, a música vai até 12. Marinetti. Maiakovski. Oscar Wilde. ahhhh. 2017. aniversário. Teatro Popular Oscar Niemeyer. Teatro da UFF. 2019. pandemia. manifestações. atos. volta. 2018. 2019. Teatro Dulcina. Amor não recomendado. 10 anos. estupendo. pandemia.

Ato 1

Toda noite, antes de dormir, eu vejo coisas

(Estudos: Os seis; Improviso; *Fantasma*⁴)

4 Estudo I. Performers: Alex Kossak; Amanda Calabria; Anatólia Catu; Augusto Fontes; Bruno Bento; Camila Marques; David Kondylopoulos; Gabriel Henriques; Giovana Adoracion; Henrique Magalhães; Jefferson Santos; Nathália Cantarino; Natália Marques; Thiago Piquet; Úrsula Bahiense. Direção, dramaturgia, trilha sonora, criação fílmica: Martha Ribeiro. Textos: Luigi Pirandello. Assistente de direção: Úrsula Bahiense; Assistente de arte: Elisa Gouvea; Assistente de produção: Rodrigo Souza e Ana Luiza Lacerda; Coreografias: Thiago Piquet e Renata Alves; Edição de vídeos: Marcela Amaral e Nosara Urcuyo. Vídeo da Fonte editado por Arthur Moura. O projeto ganhou o Edital da PROEXT-MEC/SESU. Tínhamos muitas bolsas para os estudantes, nesse ano de 2013.



Cena 1 : **Ao vento voam palavras, se quebram tabus e conjuram-se os seis personagens**

Thiago: Qual é a cena?

Martha: O incesto. Essa será A cena.

Renata: A CENA! eu ouço essa frase no tom da voz da Nathalia até hoje!

Thiago: Amanda tá pelada lá em cima e quer saber se põe a roupa pra descer.

Martha: Sim, ela tem que esperar a Marcela filmar a cena do incesto que estou dirigindo aqui, dela com o Augusto. Estamos quase acabando. Silêncio.

Thiago: Alguém pega os sapatinhos das crianças que ficaram lá na Fonte!

Renata: Genteeeeee a fonte! Eu nem lembrava disso mais! Como eu só ficava sem roupa, eu nem ia lá fora.

Thiago: Você não ficava sem roupa. Era de camisola vermelha.

Renata: Você também!

Martha: Todos de camisola. É um cabaré.

Thiago: O cabideiro com as roupas da Madame Pace vai ficar na frente, atrás, na direita? Onde você quer, Martha?

Renata: E a mala de roupas?

Martha: Esse cabideiro é o que dará vida aos Seis. Os figurinos são a pele encarnada dessas memórias ficcionais, personagens que precisam narrar o que viveram, de verdade. A mala põe ali, de lado, vamos abrir e ver o que tenho aqui que pode servir. Essas roupas foram de um espetáculo que dirigi, chamava-se Quando se é alguém. Alguém assistiu?

Thiago: Pessoal!!! Cuidado com esse chão ele é patrimônio, tem uns 200 anos. A gente não pode nem suar aqui dentro, quanto mais arrastar as cadeiras. Pelo amor de Deus!!!

Renata: O quê??? 200 anos??? ninguém tinha me dito isso, eu andava de salto fino pra baixo e pra cima!!! Inclusive uma das minhas memórias mais vivas é o barulho que meu salto fazia naquele casarão... Vou contar que o salto até prendeu num buraco no chão!

Martha: Perdi a conta de quantas vezes fui conversar com a diretora do Solar...

Silêncio. Mudam de assunto.

Thiago: O público vai ficar aonde?

Renata: No meio da gente?? Como assim? E se eu chutar as pessoas enquanto estou dançando? Vou dançar entre as pessoas? Como assim? Nunca fiz isso!

Joana: Por favor, dirijam-se para a área externa!

Martha: Ué, Joana saiu da onde?

Joana: Verdade, não era pra eu estar aqui ainda.

Martha: Sabe o que me dei conta? Voltando aqui para o presente desse passado, que desde 2013 - (com Pirandello!!!) - já borrava as identidades e o gênero no teatro, na performatividade dos corpos. Eu retorci Pirandello e invadi a cena com corpos dissidentes...



não se falava disso em 2013, muito menos em 1921... Lembram que na ativação das performances, eu perguntava: O que nos move? O que há de urgência em nós? O que os SEIS têm a nos revelar? Então, eu começava a instigar a memória dos performers, e seus desejos, essa vontade de materializar nossas experiências íntimas e fantasias, e isso se misturava com a história incestuosa dos seis personagens, evocando a existência de cada um que estava em cena. Foi um diálogo denso e cru entre as experiências/memórias de cada um ali com o que havia de mais obscuro no drama. Eu dizia: tragam tudo aquilo que se aderiu à pele e que tem urgência de vida. O que interessa é a memória-corpo ou o corpo-memória, os afetos.

Renata: Desse espetáculo eu lembro do Augusto, David, Nathália, a menina que cantava...

Thiago: A Giovanna

Renata: ahhh o Rodrigo, a Úrsula, a Marcela, a Amanda...Vale ver fotos pra lembrar?

Martha: Vale sim, claro. Tem muitas imagens no site do *Pirandello contemporâneo*, na página do Laboratório, no diário digital...

Renata: Vocês lembram do dia que apresentamos os seis no MAC?

Martha: Claro que eu lembro, fomos todos!

Joana: Ninguém estava nesse dia, não, Renata, só você. Vamos falar de outra coisa!

Martha: Tarde demais. ELES CHEGARAM!

(abram o link do teaser) <https://www.youtube.com/watch?v=UScYD4tIOhk>



Teaser OS SEIS VISITAM O SOLAR

Cena 2: Nada restou do improviso?⁵

Renata: Você fez Improviso, você fez? Eu estava de férias em Minas e não participei.

Thiago: Não. Eu não participei diretamente do processo de ensaio, acompanhei pelo grupo de facebook na época, mas assisti à montagem final duas vezes. Da primeira vez não tive conhecimento do texto base, *Esta noite se representa de improviso*, foi uma explosão de informações, algo tão surpreendente que não sabia avaliar se tinha ou não gostado do que vi. Já da segunda vez, após ler o texto, pude compreender melhor o desenvolvimento da direção que Martha desempenhou. Eu não tenho uma memória muito precisa, mas lembro do tema ser sobre o Grotesco; lembro de ter uma cena com uma língua de

5 Estudo II. Performers: Alex Kossak; Amanda Calabria; Anatólia Catu; Bruno Bento; David Kondylopoulos; Gabriel Henriques; Giovana Adoracion; Henrique Magalhães; Jefferson Santos; Nathália Cantarino; Natália Marques; Úrsula Bahiense. Direção, dramaturgia e criação: Martha Ribeiro. Textos: Luigi Pirandello. Assistente de arte: Gabriela Bandeira; Trilha sonora: Martha Ribeiro. Produção executiva: Rodrigo Souza e Vida Oliveira.



boi crua e outra cena com uma menina nua se embalando com papel filme. Se não me engano essa mesma menina passava uma faca em sua boca que sangrava enquanto ela se embalava (adorei essa cena). Adorei a cena da gaiola vazia também, era poético!

Joana: Sim. A língua de boi crua sendo “oferecida” ao público numa tábua de madeira. Lembro-me de escrever em um livro ou caderno alguma impressão ao final da performance. Também não participei dessa montagem, mas foi a primeira vez que assisti os Estudos. Foi bem marcante, nada parecido com qualquer espetáculo que teria visto até então. Era a Nathália com a gaiola vazia?

Martha: Era a Nathália sim, mas a cena da gaiola foi em *Fantasmas*! Foi muito bom fazer Improviso. Fizemos 12 e 19 de setembro no Solar do Jambeiro e no dia 29 de outubro na sala InterArtes/IACS. Mergulhamos no grotesco para revelar um Improviso visceral, contemporâneo, sanguíneo, nada apolíneo. Foi uma experiência quente. Atores e público misturados. Fervia! Discutíamos o ciúme em sua face mais radical e terrível. Fomos no escatológico, no terror e nos limites do corpo para inspirar a criação. Foi uma partitura física e gestual em tempestade. Foi um jogo furioso!

Thiago: Lembro também de um dos performers estar marcado no corpo com divisões como aquelas de um gado de abate, e o mesmo vir vestido com um tapa-sexo feito de carne crua.

Martha: Era o Alex! Quero falar um pouco mais sobre Improviso, de como todos foram corajosos, criativos, sensacionais! Os performers se jogaram na proposta, fizeram dos seus corpos uma superfície inumana. Amarrando objetos, sobrepondo camadas e camadas de materiais diversos, eles criaram uma nova pele, distorcendo sua própria carne: eram ciborgues - corpos ao avesso de uma harmonia ou beleza higienizada. O espaço não fazia separação entre espectadores e performers, era um território religioso e profano. Um salão de festas ou uma nave de Igreja. Tinha uma mesa que servia como altar e como passarela - os performers ofereciam seus corpos ao olhar do outro. Queria um tipo diferente de espectador, um espectador-artista. Era necessário que todos ali entrassem na cena, no face a face com os performers, a pouca ou nenhuma distância, compondo com eles um espaço em obra, uma FESTA! Na dupla presença performers-espectadores. Eu abria o Estudo, assim: “Pedimos aos visitantes (a palavra espectador é carregada demais) que façam uso de suas câmeras, que recortem a cena, que a editem, construindo sua própria narrativa, isto é, que ensaiem a encenação de seu olhar. E que dançam junto aos performers.

Dancem conosco, mais uma vez:

(Abram o link) <https://youtu.be/J6Vb6aPRGIg>



IMPROVISO, completo - InterArtes (UFF)

Cena 3: **Será que ainda podemos falar em Fantasma, sem assombração?**⁶

Renata: E os *Fantasma*, gente? Eu fazia a jogadora, meio Grace Jones... Amava! Esse texto era lindo, alguém tem ele? E as peças *A Saída* e *O homem da flor na boca completas*? Eu queria ter.

Joana: EU TENHO

Martha: Eu escrevi os textos originais de *Fantasma*, uma peça game, tenho impresso. Podemos ler juntas. O game funcionava assim: ao espectador (eu chamava de visitante) era dada a tarefa de escolher qual performance assistir, entre um jogo A e um jogo B – ocorria uma intervenção direta do espectador sobre a cena, eles escolhiam na tela – havia uma projeção com as imagens dos performers (*Fantasma*) – qual cena assistir. A decisão por um dos jogos significava a tortura dos performers não escolhidos e sua expulsão da cena, isto é, seu desapossamento do nicho – era aqui que a Nathália, com sua gaiola, intervinha.

Renata: Eu lembro das plaquinhas azuis e vermelhas que o público usava para escolher qual *Fantasma* (performer) iria contar sua história. A Nathália matava os *Fantasma* com um extintor, ela também colocava um plástico na cabeça deles. Ela tirava eles dos nichos e matava os *Fantasma*. Eu lembro perfeitamente!

Martha: Isso acontecia mesmo! O extintor era na verdade uma bomba de água, ela afogava eles. Havia um tempo para ouvir as histórias de cada um... a Nathália, com a gaiola vazia, vigiava todos eles, para não fugirem. Lembram que os performers tinham eletrodos conectados ao corpo? Eu queria dar uma ideia de algo semimorto, mas que retorna. Uma quimera construída com muitas partes... Faz muito tempo mesmo, 10 anos...lá em 2013. Ano conturbado, com manifestações nas ruas. Esse vídeo dos *Fantasma*, como realidade virtual, ficou incrível, editado pela Marcela:

(Abram o link do vídeo) <https://www.youtube.com/watch?v=071EpFbVtZE>

6 Estudo III. Performers: Alex Kossak; Amanda Calabria; Anátalia Catu; Bruno Bento; Camila Marques; David Kondylopoulos; Gabriel Henriques; Giovana Adoracion; Nathália Cantarino; Natália Marques; Renata Alves; Úrsula Bahiense. Equipe: Direção, dramaturgia e criação fílmica: Martha Ribeiro. Textos: Luigi Pirandello. Assistente de direção: Úrsula Bahiense; Assistente de dramaturgia: Vida Oliveira; Assistente de arte: Gabriela Bandeira; Trilha sonora: Martha Ribeiro. Produção executiva: Rodrigo Souza; Vídeos: Marcela Amaral.



Fantasma

Martha: E aí, tudo começava... num cenário desenhado com fita crepe, delimitando nichos...e no meio, a marca de um corpo ausente, morto, talvez assassinado...Minha voz gravada abria o Estudo. O texto está lá no Caderno. É bem bonito mesmo.

Renata: Além dos eletrodos, eles tinham um bonequinho de plástico. Lembrei disso vendo o vídeo que está no canal do Laboratório no YouTube. Eu era a apresentadora do game, ELA. Já tinha esquecido do nome, lembrei no nosso último encontro. Na verdade tô lembrando de várias coisas escrevendo junto com vocês.

Thiago: Eu não participei dos *Fantasma*. Só assisti em vídeo.

Renata: Foi uma experiência incrível! Eu adorava essa peça. Mesmo sentindo muita dificuldade. Confesso que foi a que menos ficou na minha memória, estou revendo o vídeo e muita coisa eu não lembrava. *A Saída* e *O homem na flor na boca* são os textos mais marcantes para mim, cheguei a relê-los algumas vezes depois.

Martha: *Fantasma* foi apresentado nos dias 21 e 28 de novembro no Solar do Jambeiro e na sala InterArtes/IACS. Era uma viagem pelo sonho, a partir da livre associação entre peças curtas de Pirandello, *O homem da flor na boca*, *Na saída*; *Sonho* (mas talvez não).

Renata: Eu acho que não teve *Fantasma* no Solar não! Ou então, eu esqueci totalmente.

Martha: Primeiro nos apresentamos no Solar do Jambeiro, nossa primeira residência. Abre esse link no nosso canal, **Renata:** <https://youtu.be/m-UalEyMgaY> (vocês também), tem um trecho dos *Fantasma* no Solar. Fizemos ali primeiro, foi a primeira residência artística do LCICC. Depois fomos convidados pelo Diretor do IACS na época, o Leonardo Guelman, para apresentar na Interfaces, um evento geral do IACS que acontecia da InterArtes.

Renata: Eu vendo não acredito! Foi marcante a disposição do público. Eles transitavam entre os performers, era tudo muito próximo, muito visceral, lembro que me sentia vulnerável, mas ao mesmo tempo sentia que a energia do performer dava uma medida de segurança. Não sei explicar direito, mas a sensação é que o público se afastava quando o performer se aproximava.

Martha: Os visitantes se moviam entre os “nichos” onde estavam os performers. Cada



nicho podia ser um banheiro, um quarto, um closet, um armário. A movimentação deles foi extremamente reduzida em função da demarcação espacial, que não chegava a 1,5 metros quadrados para cada um. Orientamos que investigassem um objeto concreto, de uso diário, para desenvolver a ação e os gestos, de forma milimétrica.

Joana: Eu não assisti esse. Entrei para o processo em 2014

Martha: Vou postar o video de *FantasmaS*, para você assistir Joana, e todo mundo aqui. Vamos trazê-los de volta

(Abram o link) https://www.youtube.com/watch?v=pnrH_BGt8mc



FantasmaS, Uma peça game

ATO 2

Não irão se livrar tão fácil desses *FantasmaS*... Mas afinal, quantos somos nós?⁷

Martha: Vamos abri esse ato com o teaser do primeiro espetáculo do LCICC.

(Abram o link) <https://www.youtube.com/watch?v=z5nQcnxZlBk>



TEASER MAS AFINAL, QUANTOS SOMOS NÓS?

Renata: 2014 e 2015. Fomos para o Teatro Popular Oscar Niemeyer, lindo! Mas vocês lembram que não dava pra marcar luz porque não tinha *blackout*? E pra mexer no som que tinha que sair do teatro, dar a volta toda?

Joana: Niemeyer caiu muito no conceito com a falta de praticidade daquele teatro... mas confesso que no ano seguinte, morta de saudades, quando subia aquela rampinha pra sair dos fundos do teatro, era como se emergisse na paisagem de uma tela de Windows XP, ô coisa perfeita, a Baía de Guanabara com o Rio lá atrás.

7 Ficha técnica: Direção geral, concepção, criação fílmica e dramaturgia: Martha Ribeiro. Textos: Luigi Pirandello. Assistente de direção e adereços: Philippe Ariel. Filmagem ao vivo e edição: Marcela Amaral, Mika Makino, Bernardo Batista. Músicas originais: Nathan There. Warm Up: DJ Danuza Formentini. Iluminação: João Franco. Preparação corporal: Thiago Piquet. Cenário e direção de movimento: Martha Ribeiro. Preparação vocal: Junio Duarte. Grafitti do cenário: Luiz Carlos de Carvalho. Figurino: Gabriela Bandeira. Identidade Visual: Isadora Marzano. Produção musical: Diego Paiva. Produção executiva: Geovana Marques. Assistente de produção: Helena Damin. Elenco: Amanda Calabria, Carlos Bruno, Danuza Formentini, Davi Pontes, Gabriel Henriques, Jefferson Santos (virtual), Joana Caetano, Jhonatan Correa, Karla Abreu, Nathalia Frazão, Nathan There, Philippe Ariel, Thatiana Vertain. Produção geral: Projeto Pirandello Contemporâneo. O Projeto é vinculado ao LCICC (Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea) da Universidade Federal Fluminense.



Renata: Tinha uma equipe linda! Nathan e sua trilha que eu nunca dava conta de contar certo e ele ficava bravo. Isadora cuidando das nossas redes sociais, com posts que tinham que ser no horário que ela mandava! Gabi com os figurinos. Lembro que tinham várias projeções, gostaria de ver a filmagem, eu realmente não tenho noção do todo, como estava em cena eu não consigo imaginar tudo que acontecia.

Joana: A entrada do público era meio rave. Umas luzes *muy locas*. A Danuza montava a mesa de DJ dela e a gente ficava dançando nas coxias. Espantava bem o nervosismo.

Renata: Foi nesse espetáculo que o Jefferson saiu, eu achava ele incrível...

Joana: Ele era foda mesmo, cheguei a acompanhá-lo em outros espetáculos... nesse ele fez só uma das projeções.

Martha: fiz vários pequenos filmes para o espetáculo, era uma constância das minhas direções, por isso peça-filme paisagem. Jefferson participou nos vídeos.

Joana: Teve a Mika, que hoje é atriz da Globo, um rapaz que pesquisava filmes pornô... o Be! Lembrei. Ele tinha um tempo curioso e muitas cores.

Martha: B... Bernardo e Mika, alunos de cinema, foram meus bolsistas na época. Marcela organizava a produção das filmagens com eles e as edições. Gravamos na praia, no shopping, na UFF. Foi intenso. Publiquei os roteiros que fiz no livreto *O Outro Pirandello*.

Thiago: Eu não sei de quem você está falando. A Mika eu lembro.

Martha: Coloquei a Mika para gravar as cenas das confissões ao vivo, alguns atores, durante o espetáculo, sentavam na poltrona grafitada e confessavam algo sobre eles, atravessados pelos personagens que faziam. Abri ali um espaço para a autoficção.

Thiago: Adorei o grafite da poltrona!!

Joana: Foi um artista que trabalhava no Paschoal Carlos Magno?? Vejo o rosto, esqueço o nome.

Martha: Luiz de Carvalho. Ele fez o grafite das bambolinas também.

Renata: E o Le Corbusier?

Thiago: Ah, o boneco de arame, feito pelo Ariel... Sempre brilhante... lembram do catavento de tsurus?

Joana: Brilhante! Fazia diversas esculturas encarnadas de personagem...

Thiago: *O homem / bateu em minha porta / e eu / abri / Senhoras e Senhores / ponham a mão no chão!*

Martha: Era a personagem da Karla, uma criança *Fantasma* que voltava, ela cantava e pulava corda, sentenciando todos os personagens... era a morte, na verdade.

Renata: Criança diabólica! Credo!

Martha: Tem tanto material desse espetáculo... tantas imagens... tantas memórias... uma nova residência, um teatro mesmo para trabalharmos. Era casa cheia em todas as apresentações. A luz foi feita por um funcionário da UFF, iluminador, o João. Depois veio o Le-



opoldo, ele foi incrível, um parceiro. Um dia quero montar outra vez. Lembram que fomos convidados para um festival internacional?

Joana: O espetáculo foi convidado para um festival em Praga!

Martha: Mas não conseguimos verba para ir... tentei de tudo...eu e a Giovana.

Renata: Joaninha, foi aqui que você entrou né?

Joana: Sim, sim, substituindo uma atriz. AMAVA os fluxos, achava essa peça muito linda. Menstruação com lã, eletricidade na raiva, a Nathália me dava um beijo, eu paria! e acho que nem tinha fala. Foi a realização de um sonho, estar numa peça sem fala.

Martha: A encenação era toda feita por paisagens, fluxos e raías. Tudo muito visual. Chamei de espetáculo-paisagem. Combinando múltiplas realidades, fluxos de energia, imagens-virtuais, com a presença viva dos corpos dos performers e a poesia de Pirandello. Posso dizer que criei um mundo *Fantasmático*, atravessado por linguagens/teatralidades heterogêneas. Um teatro do movimento.

Thiago: Eu adorava os fluxos... o choque elétrico; a menstruação; as saias. Mas não gostava muito dos Parangolés, me remetia a coreografia de igreja.

Martha: Eram tecidos dourados, uma apoteose final, kkk, só agora você disse isso?! Foi nessa peça que *O Outro Pirandello* nasceu para mim. Uma Peça/Filme-Paisagem construída na fricção/intervenção de/na “O Homem na flor na boca”, “A saída”, “um, nenhum e cem mil” de Luigi Pirandello. Já iniciava aqui minha pesquisa sobre teatro autoficcional, Retratos e paisagens como dispositivo de cena, embaralhando o real, o ficcional e o virtual, afirmando a impossibilidade de separação entre corpo-real e corpo-ficcional, a instabilidade entre essas duas ordens, que na cena entravam em colapso. Toda a dramaturgia, a criação dos vídeos, os roteiros que criei para as imagens e retratos estão no livreto.

Renata: Martha queria me ver respirando e suada, já viu bailarina assim? Treinei 30 anos pra ninguém ver minhas costelas abrindo e ela me pede isso agora. A cadeira era torta pra me incomodar, já tá bom...Foi a última vez que eu calcei sapatilha de ponta na minha vida. Que nojo dos meus pés sujos de sangue. A Gabi colocou umas correntes na minha roupa, não dava pra mexer muito.

Martha: Acabei de tornar público no Canal (Icicc_uff) um ensaio, de quando criei o Intermezzo “Os pés da bailarina”. Em sua homenagem, Renata!

(Abram o link) <https://youtu.be/o9ioW0iOjXs>



OS PÉS DA BAILARINA



Renata: 2015. Eu defendi o Mestrado e voltei pra Minas. Daqui pra frente, vou só ler sobre os outros espetáculos.

Martha: Tem uma profusão de imagens que não dão conta do que foi, mas diz que existiu, que existimos...juntos. Vejam lá, também, na página do facebook: <https://www.facebook.com/labcriacaocenacontemporanea>

Renata: Ah eu quero ver esse espetáculo completo, alguém tem?

Martha: Sim, está no YouTube. Antes de seguirmos o fio do tempo, façam essa viagem com a gente. Acessem o link do espetáculo Mas afinal, quantos somos nós?

(Abram o link) <https://www.youtube.com/watch?v=1ec6tzrunNc>



MAS AFINAL, QUANTOS SOMPOS NÓS? (Teatro da UFF)

ATO 3

Alegria! Alegria! Uma Serata futurista, Eu sou Eu, Cachorrinho, Amor não, e dois cubos de gelo...

Cena 1: **Nós queremos cantar o amor ao perigo**⁸

Joana: “Tentaram silenciar o mal-estar e o anti-gracioso por muito tempo, ainda fazem isso. Mas nós defendemos o mal estar de (cita os nomes dos atores), o meu e o seu, o nosso. O mal estar pode nos mover, a dor nos diz que algo está fora de lugar. Viva o desconforto, o mal-estar e o anti gracioso. Eu não acordo todos os dias, todos os dias eu desperto e me esforço para sair da cama e me manter viva. E eu estou muito bem de saúde. É preciso viver com terror e alegria!! Evoè!”

Martha: Esse texto eu escrevi para o espetáculo Serata Futurista, ou como as palavras são cheias de ar, inspirada no manifesto futurista. Foi um concerto sintético. Pirandello não estava aqui, mas as influências italianas ainda pairavam sobre minha cabeça. Mas tinha muitas outras coisas nessa encenação. “Cortem as cabeças!” Lembram? Tinha até Alice no país das maravilhas. Preparei uma colagem com textos de Maiakovski, Walt Whitman, com as peças sintéticas de Marinetti, o mito de Fedra e Hipólito, Lusíadas de Camões, as cartas de Oscar Wilde na prisão e fragmentos da peça *O Despertar da Primavera* de Frank Wedekind, e alguns textos meus que costuravam tudo isso. Era uma verdadeira sopa!

Thiago: Feeeedraaaaaa!!!! Vai ter sopa de verdade? Você pediu autorização do Teatro?

⁸ *Serata Futurista* ou de como as palavras são cheias de ar: Elenco: Iagor Peres; Jhonatan Correa; Joana Caetano; Nathan de Oliveira; Karla Abreu; Marina Morena; Philippe Ariel; Raphael Ricardo; Thatiana Verthein; Vinicius Andrade. Equipe: Thiago Piquet; Gabriela Bandeira; Egley Amarolina; Roberta Freitas; Alan Lanzé; Geovana Marques. Direção e dramaturgia: Martha Ribeiro.



Martha: Teve sopa de verdade. Era linda essa cena. Uma alegria. Fizemos em três teatros, entre Niterói e Rio de Janeiro. No Teatro Popular Oscar Niemeyer, No Parque das Ruínas e no Centro Cultural Carioca. Foi nesse ano, de 2015 que viajei para o pós-doc.

Thiago: O cenário tinha cadeirinhas coloridas...

Martha: Nem lembro mais onde foi que eu consegui elas... acho que foi no bar do teatro popular. As mesas também foram de lá.

Thiago: Cara, você lembra da Egley? Que fazia os figurinos?

Renata: Ah ela é minha melhor amiga até hoje! Na defesa do meu Mestrado, ela me salvou levando os sapatos...

Thiago: Cada look mais lindo que o outro!!!

Renata: E tudo de brechó, da feirinha, a casa dela é assim!

Martha: É tanta coisa para lembrar... Temos uma página especial para esse espetáculo: (entrem no link) <https://www.facebook.com/seratafuturistauff>

Joana: "Como um balido! Abala a balada! do baile de gala". A minha preferida, eu me sentia muito autorizada nessa peça... eu podia exercitar minha leveza e ironia em histórias pesadíssimas de amor, escancarando as estruturas frágeis da sociedade, os "valores e bons costumes" que entalam, limitam a vida, contrapondo-se ao desejo ardente das possibilidades existentes nela.

Thiago: "O caixote é o abismo... você sobe, olha o abismo, mas hesita. Fica no limite entre ir e ficar!"

Joana: Ainda bem que a gente ia...

Martha: Era a cena do suicídio do Despertar da primavera. Foi difícil dirigir essa cena, mas ficou muito poética, como eu queria.

Thiago: Vini, pega um giz e começa a rabiscar o texto no chão! Pensa no Oscar preso, escrevendo nas paredes da prisão as palavras que queria que chegassem ao seu amado.

Martha: O Vinicius fez belamente o Oscar na prisão. Eu treinei essa cena com o giz durante muito tempo, primeiro tinha o Ariel, depois ficou apenas o Vini.

Joana: Preparamos ISTO! (a gente ensaiava essa na C100 no meio da greve de 2015).

Joana: "Louca bala la louca bala la louca balalaica De como Oscar Figel O'Flahertie Wills Wild - ou simplesmente Oscar Wilde - foi preso por amar um Jovem de 18 anos chamado Alfred Bruce Douglas, filho do Marquês de Queensberry".

Renata: Vocês estão em que ano? Eu não lembro desse povo não!

Thiago: Nessa altura você já não estava mais.

Martha: Uma pena... foi o espetáculo mais dançante e musical que eu fiz no LCICC. Você iria adorar participar.

Joana: Essa equipe toda foi um troço. Era muita gente envolvida, as meninas do figurino e cenário (Egley, Gabi), o nosso maquiador, as pin-ups que nos deram aulas, o preparador



corporal (Piquezinnn), tanta gente. Tanto objeto de cena - minha maior preocupação. E o processo parecia sempre gostoso, por mais tempo que passássemos repetindo as partituras do *Despertar da Primavera* (o cuidado que a Martha tinha em respeitar o ritmo dos nossos corpos) e, cada uma em sua função, construiu um verdadeiro encontro teatral. Todos ganharam minha admiração nesse ano. Foi caloroso. Você teria desfrutado muito dessa gente, Re.

Thiago: Serata foi a que eu mais me diverti. Que divertido foi montar a cena do cabaré com a música Big Spender, ou aquele trio dos gatos (Vini, Iago e Ariel... vocês são fodas!) cantando sobre Maiakovski ou Walt Whitman, já não me recordo exatamente.

Joana: O Vinicius nesse processo! Preciso falar dele, nossa, que ser humano! Que ator na cena e na vida! Vini também contribuiu no figurino e, para mim, era um segundo diretor, de tão cuidadoso, atento e presente na colocação de suas observações, principalmente se estava fora de cena. Era generoso em tudo, na colaboração nas músicas, no astral, posicionava-se com amor e seu timing de comédia era preciso. Hoje encontrou sua Drag, Organzza, e fico imaginando o furdunço brilhante e cremoso que teria sido fazer essa peça com ela.

Martha: Tinha o Iago, um ator muito intuitivo também, brincávamos que ele era um “fo-minha”, queria fazer todos os papéis. Ele foi para as artes visuais, está voando em outras paragens.

Joana: O elenco era incrível. Não eram atores fodas e autocentrados. Eram pessoas ricas, nutridoras, cada uma vinda de um canto, disponíveis, atentas aos outros performers, à cena e ao público. Era um grupo que se ocupava do coletivo.

Martha: Vou colocar aqui o link do Programa do espetáculo... tem tanto material... tanta história para lembrar... mas não temos tempo... Como o coelho da Alice, precisamos falar sobre o cachorrinho e amor não... Mas não acabam com o amor... como na cena sobre Oscar Wilde...que vou colocar aqui.

(Abram o link do programa de Serata)



<https://drive.google.com/file/d/11RYwgZouwonh1b5b9e7ETgYMfD8GpTI-/view?usp=sharing>

PROGRAMA SERATA FUTURISTA

(Abram o link do ensaio para o amor em Oscar, *Serata Futurista*)



<https://www.youtube.com/watch?v=p2nbuEnXIAk>

ENSAIO PARA O AMOR EM OSCAR, SERATA FUTURISTA

Cena 2 : **Eu estou bem?**⁹

Joana: Começamos os estudos do texto Eu sou eu porque meu cachorrinho me conhece sentadas em círculo no palco do TPON. A primeira leitura foi confusa. Martha explica, quase desenha, que a escolha da pontuação e, portanto, do que é dito e da intenção, é nossa. Lembro de um texto com xícaras, que não entrou. Rimos muito! Achei delicioso, o exercício.

Martha: Gertrudes... Gertrudes... estuda-se muito pouco sobre ela. Tão importante para a cena contemporânea. Comprei todos os livros dela que existiam por aqui traduzidos para criar o Eu sou eu porque meu cachorrinho me conhece.

Thiago: O texto era completamente desconstruído. Sem pontuação, as falas foram entoadas no decorrer da construção das cenas. Foi fácil não!

Joana: Descobrir a escrita da Gertrudes... Na verdade, é um novelo emaranhado cheio de sentidos. Puxo a ponta do fio e vou desemaranhando numa ordem ou figura. São esculturas densas, sonoras.

Martha: Colei fragmentos de vários textos da Gertrudes, ficou ainda mais denso. A ideia era não dar um sentido imediato. Aqui novamente parti de uma concepção cênica feita de fluxos, que são as linhas de movimento dos corpos no espaço e seu adensamento à partir dos estímulos que dava para criar afetos. Todas as paisagens corporais e de movimento, inclusive os retratos (os pequenos filmes dos atores que fiz e que denominei Anjos), operavam para além da ideia de personagem ou identidade. Busquei na corporeidade o espaço-tempo material da cena, a sonoridade das palavras e o impacto de elementos reais, como bolo de aniversário, bolas de encher, batatas, roupas, repetindo frases à exaustão, como por exemplo, "Eu estou bem", de modo a dissolver a ideia do eu. Adorava essa cena feita pelo Eduardo. Se chamava: Fluxo identidade fluida. Todo o espetáculo foi concebido em quadros.

Thiago: Ela | Ele | Elu > Ator | Atriz | Atroz

9 Ficha técnica: Direção Geral, concepção e Dramaturgia: Martha Ribeiro; Fragmentos de texto: Gertrude Stein; Video-art "Anjos": Concepção e Direção Martha Ribeiro. Performers: Sophi Saphirah; Eduardo Ibraim; Joana Caetano; Nuaj Del Fiol; Tatiana Delgado; Lucas Rodrigues. Guitarra e músicas originais: Gerbert Périssé; Voz Provocador: Vinicius Andrade. Cenografia: Bianca Bühring e Martha Ribeiro; Iluminação: Leopoldo Barbato; Figurinos: Eglei Amarolina; Direção de Movimento e Coreografias: Martha Ribeiro; Preparação corporal: Thiago Piquet; Trilha sonora: Martha Ribeiro; Mixagem de trilha sonora: Rodrigo Trindade; Operação de Som: Vinicius Andrade; Fotos: Bernardo Batista e Eduardo Freire; Programação Visual: Inova Brand; Cenotécnico: Edson; Máscaras: Ariel Philippe; Comunicação e Assessoria de Imprensa: Mercadocom; Coordenação de Produção: Geovanna Araújo; Assistência de produção: Giulia D'Aiuto; Co-Produção: Thiago Piquet; Produção Geral: Geovana Araújo Marques.



Martha: começou aqui nosso trabalho com corpos não binários e corpos trans... CENA 0. FLUXO 0 - DNA DO PERFORMER MÚSICA: PLACENTA + CLARIANDO.

Joana: Martha pedia aqui o “orgasmo no nascimento”, bem bonito, acho que ia me tocar se eu fosse público. Assim como sua transição para a cena do aniversário! Geral criança. Que sequência... o figurino descia do teto!

Martha: Foi o espetáculo que a gente mais rodou no Rio de Janeiro. Esse projeto abria nossa terceira residência, dessa vez no Rio de Janeiro, nos teatros da Funarte: Teatro Dulcina e Teatro Glaucê Rocha, nos apresentamos lá. E também na cidade das artes, na sala eletroacústica. Foi perfeito. Fizemos primeiro em Niterói, no teatro Oscar Niemeyer, foi um sucesso.

Thiago: Martha! A gente achou um vaso sanitário jogado lá no campus do Gragoatá... estamos indo lá buscar. Ele é branco, tudo bem?

Martha: Perfeito! É o que precisamos para a cena.

Renata: onde entrou isso?

Thiago: No palco. E essa pipoqueira aqui... vai fazer na hora? A gente pode comer em cena?

Martha: Sim! A pipoca tem que estourar em cena.

Thiago: Faço aqui meus destaques para a cena do aniversário; a cena das janelas; das batatas e o fluxo das roupas. “Não se preocupem! O Gabriel passa a vassoura no final da cena e tira as cascas das batatas”.

Martha: Ficava uma sujeira no palco. E a dança do cachorrinho? Fiquei muitos dias montando essa coreografia. Simples, mas cheia de nuances. Uma verdadeira matemática. Thiago ficava louco para fazer os performers executarem a coreografia doida que criei. Saudade de sua parceria, Thiago!!

Thiago: Sim, Joana, a dancinha do cachorrinho vai ser bem ridícula. É proposital!

Joana: Não sei gargalhar assim alto que nem a Amanda fazia, vou fazer um risinho de deboche, pode ser?

Thiago: Vocês aí atrás estão errando o tempo da bundinha... não é possível! É só contar: Anda 1,2,3, vira no 4 e mexe a bunda no 5,6,7,8. Primeiro vai pra Direitaaaaa!!!!

Joana: Era muito difícil a parte da cambalhota do coro, ainda mais com os leques na mão, morria de medo de alguém quebrar um pescoço atrás de mim.

Thiago: Deixo um salve para as máscaras de cara de cachorro e o próprio cachorro feitos de papel pelo incrível artista e que também foi um ator-performer, o Philippe Ariel.

Joana: SALVE, querido!!!

Thiago: Eduardo, cuidado com essa máscara, ela é original. A Martha trouxe da Itália. Não deixa em qualquer lugar não!

Martha: Usamos no final do espetáculo, uma máscara de couro da comédia dell’arte. Era um pequeno monólogo, um elogio ao teatro.



Joana: Agente deveria ter escrito essa cena aqui a la gertrudes pra honrar...adorava quando o público me respondia na poltrona. Pires! Pires, não xícaras.

Martha: Vou compartilhar o texto final. Tem ali os quadros que desenhei para os movimentos dos atores. É muito bacana para essa memória

(Abram o link) <https://drive.google.com/file/d/1oDVDYGsoCJ6PDGqx2If-g9thoNOU-Cw0U/view?usp=sharing>



TEXTO EU SOU EU PORQUE MEU CACHORRINHO ME CONHECE



E o mais importante: A PEÇA COMPLETA

(Abram o link) <https://www.youtube.com/watch?v=ObBdclcGTxg>

Cena 3: **Acredito que o amor seja um vírus... O amor é uma guerra diferente de todas**¹⁰

Martha: A primeira coisa que me perguntei quando pensei no tema “Amor” foi: será um tema interessante para o teatro? Como trabalhar cenicamente um tema tão complexo, a partir da linguagem de cena que desenvolvo? Uma linguagem que tem nas relações dos corpos seu mais importante pilar de composição para a criação de uma paisagem ótico-sonora, aliada aos aspectos autobiográficos-ficcionais e biográficos-ficcionais dos atores envolvidos. Só podia falar de um amor não recomendado.

Thiago: Esta peça eu também achei uma delícia de fazer (parece que quando o tema é amor, eu me divirto. rs).

Martha: Nessa produção já não tinha mais a Geovana e nem o Ariel... Já não tinha mais o Bernardo e nem a Tatiana e nem a Joana... como fizeram falta... Mas aqui ganhei uma amiga, a Carolina Virgüez que entrou na equipe, me ajudou na preparação dos atores.

Thiago: A forma como as cenas se “manchavam e desmanchavam” era muito bacana. Ora era banquete, ora um navio, ora um baile funk, ora um precipício; outra ora um túmulo ou mesmo um labirinto. “Lésbica futurista | Sapatona convicta | Eu não vou deixar | A inve-

10 Ficha técnica: Direção Geral, Concepção e Dramaturgia: Martha Ribeiro. Atores: Bruno Bernardini; Charlotte Cochrane; Claudia Wer; Eduardo Ibraim; Lucas Rodrigues; Nicolle Longobardi; Raíza Cardoso; Thales Ferreira. Paisagem sonora e trilha original: Gerbert Périssé. Cenário: Rodrigo Trindade. Direção de Arte e figurino: Martha Ribeiro e Rodrigo Trindade. Desenhos figurino base: Maristela Novaes. Iluminação: Leopoldo Barbato. Direção de Movimento e Coreografias: Martha Ribeiro. Preparação dos atores: Carolina Virgüez e Martha Ribeiro. Preparação corporal: Thiago Piquet. Fotos: Tatiana Delgado. Programação Visual: Inova Brand. Comunicação e Assessoria de Imprensa: Mercadocom. Redes Sociais: Lucas Rodrigues e Victor Prado. Assistência de produção: Giulia D’Aiuto. Co-Produção: Thiago Piquet. Produção Geral: Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea (Martha Ribeiro)



ja me abalar | Para sempre”.

Martha: Nessa produção tivemos uma verba para construir o cenário e os figurinos. Pensei em cubos de madeira que pudessem organizar diversos tipos de cenário. Rodrigo desenhou a ideia e tudo aconteceu. Mas algo faltava, um elemento mais poético que pudessem falar sobre o amor não recomendado... então, eu enchi o palco de maçãs vermelhas. Tudo acontecia com elas. Ficou lindo. Tem dois teasers do espetáculo que adoro. Um deles mostra um pouco a coreografia que desenhei para o Thales com a boneca inflável, foi uma das coisas que a Carolina mais gostou na encenação. Visitem a página do espetáculo : <https://www.facebook.com/amornrecomendado>

(Abram os links dos teasers)



<https://www.youtube.com/watch?v=SbOzkBARTwI>



<https://www.youtube.com/watch?v=HQRRLgz8WZg>

Thiago: Eu adorei a proposta da vela de um barco que servia como tela de projeção. As maçãs ...sempre tinha uma pessoa no final que queria levar uma das que caíam na plateia. De coreografia, que eu me lembre agora, tinha o tango do feminicídio, o solo da loucura de Nijinsky, o beijo gay e a cena de amor e ódio do casal.

Martha: Teve mais, tudo era muito coreografado, desenhado mesmo. O espetáculo era cuir. Feminista e cuir. Era uma manifesto, uma denuncia contra a violência de gênero.

Thiago: Não esqueçam de acender a luzinha de lead nos baldes!

Martha: Acho que vale anexar o programa da peça, tem muita coisa bacana sobre o processo. (Abram o link)



<https://drive.google.com/file/d/11JqTQuQ8TP0vejca2Po5waV8KoWeHdqU/view?usp=sharing>



Como escrever memórias entre ventos, nuvens e enchentes? Carta ao Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea - 10 anos.

Martha Ribeiro | Thiago Piquet | Renata Alves | Joana Caetano | Raíza

SE RA FUTURISTA
ou de como as palavras são cheias de ar

DIREÇÃO: CONTEPORA
DRAMATURGIA DE: MARTHA RIBEIRO
DIREÇÃO MUSICAL DE: NATHAN THIER

21 e 23 de agosto de 2015
SEXTA ÀS 21H - SÁBADO ÀS 20H - DOMINGO ÀS 19H

ENTRADA FRANCA

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

Cultura

Experiência óptico-sonora

Estreia hoje no Teatro da UFF a peça 'Eu sou eu porque meu cachorrinho me conhece', com direção de Martha Ribeiro

Labulo Vilas Boas
nathaniel@nathaniel.com.br

Com uma trilha sonora e uma direção de cena que cria uma experiência óptico-sonora, a peça 'Eu sou eu porque meu cachorrinho me conhece' de Martha Ribeiro estreia hoje no Teatro da UFF. A obra, que já foi apresentada em diversas cidades, é uma investigação sobre a identidade e a memória, explorando a relação entre o humano e o animal.

Em uma cena, um homem e um cachorro se encontram em um espaço escuro, iluminado apenas por luzes de fundo. O homem, vestido de branco, está de costas para o público, enquanto o cachorro, um pequeno cão preto, se move ao seu redor. A música, composta por um conjunto de instrumentos, cria uma atmosfera misteriosa e evocativa.

A peça é uma investigação sobre a identidade e a memória, explorando a relação entre o humano e o animal. A direção de cena, assinada por Martha Ribeiro, cria uma experiência óptico-sonora que envolve o público.

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

O Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea e a Fundação de Arte de Niterói apresentam

TRILOGIA PIRANDELLO

TOA NOITE, ANTES DE DORMIR, VEJO COISAS

DIREÇÃO ARTÍSTICA: MARTHA RIBEIRO

07, 14 e 21 de novembro - 20h

PORTUGAL FRÂNCA

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

CULTURA

AS QUESTÕES DO AMOR E DESEJO NOS DIAS DE HOJE

O Centro de Artes UFF, em parceria com o Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea, apresenta a peça 'As questões do amor e desejo nos dias de hoje', de Martha Ribeiro. A obra, que já foi apresentada em diversas cidades, é uma investigação sobre a identidade e a memória, explorando a relação entre o humano e o animal.

A peça é uma investigação sobre a identidade e a memória, explorando a relação entre o humano e o animal. A direção de cena, assinada por Martha Ribeiro, cria uma experiência óptico-sonora que envolve o público.

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

O Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea e a Fundação de Arte de Niterói apresentam

IMPROVISO

UFF - Niterói, com direção de Martha Ribeiro

29 OUTUBRO - 20h

ENTRADA FRANCA

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

O Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea e a Fundação de Arte de Niterói apresentam

OS SEIS VISITAM O SOLAR

DIREÇÃO ARTÍSTICA: MARTHA RIBEIRO

O que nos move? O QUE HÁ DE URGÊNCIA EM NÓS? Como nossos corpos vivem a experiência capital dos SEIS personagens de Pirandello? A experiência traumática do incesto? O que os SEIS têm a nos revelar? O DESEJO BRUTAL de revelar na CARNE a memória de alguma coisa que aconteceu em algum lugar em algum tempo. A vontade dos SEIS em materializar suas experiências, evoca a nossa própria existência, evoca tudo que há de humano em nós.

11 e 18 JULHO - 20h

SOLAR DO JAMBEIRO

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

O Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea e a Fundação de Arte de Niterói apresentam

Mas afinal, quantos somos nós?

UFF - Niterói, com direção de Martha Ribeiro

29 OUTUBRO - 20h

ENTRADA FRANCA

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

O Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea e a Fundação de Arte de Niterói apresentam

EU SOU EU PORQUE MEU CACHORRINHO ME CONHECE

UFF - Niterói, com direção de Martha Ribeiro

05/05 a 20/05 - Sáb 20h | Dom 19h

CIDADE DAS ARTES

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

O Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea e a Fundação de Arte de Niterói apresentam

AMOR NÃO RECOMENDADO

UFF - Niterói, com direção de Martha Ribeiro

05/05 a 20/05 - Sáb 20h | Dom 19h

CIDADE DAS ARTES

UFF
Teatro
Teatro
Teatro

O Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea e a Fundação de Arte de Niterói apresentam

AMOR NÃO RECOMENDADO

UFF - Niterói, com direção de Martha Ribeiro

05/05 a 20/05 - Sáb 20h | Dom 19h

CIDADE DAS ARTES

UFF
Teatro
Teatro
Teatro



PROGRAMA AMOR NÃO RECOMENDADO

Martha: E para o epílogo desse amor... o vídeo da peça para rememorarmos, eu, Thiago e Raíza; para Renata, Joana e o leitor conhecerem, apenas uma impressão do que foi...

(Abram o link) <https://www.youtube.com/watch?v=50qBEk5REgA>



ESPETÁCULO AMOR NÃO RECOMENDADO

Martha: 2013.2014.2015.2016.2017.2018.2019.2020.2021.2022.2023. 10 anos! É aqui que toda história encontra seu fim? Não, não, não... aqui é só o começo desses 10 anos de LCICC. Não falei da pandemia, de nossa experiência de criação virtual, com pessoas, gente, que nunca conheci pessoalmente, e outras tantas que conheci, e que foi embora... o Fala comigo = (Abram o link) <https://www.youtube.com/watch?v=AD0w-OSoK4g>



FALA COMIGO, UMA AUTOFIÇÃO DE TODO MUNDO

Não falei do projeto internacional transdisciplinar em artes, o Conversas de laboratório com a América Latina: cenários do Sul, que organizo junto a Ileana Diéguez, com colaboração da Carolina Virgüez. Foram (são) esses encontros em modo remoto, com artistas de toda a América Latina, que nos fez sobreviver na pandemia, e que nos vem inspirando depois dela. Todos os vídeos dos encontros estão em nossa playlist do YouTube. Se você leitor chegou até aqui, vale a pena conhecer.

Martha: Espera um pouco, alguém chegou atrasado nesse Amor não recomendado.

Raíza: Éramos oito talvez. Éramos muito jovens. Vou pensar nessa época como algo muito distante. Nas palavras da diretora, o tema era certo «depois de um período de tanto ódio, com certeza vai surgir algo sobre o amor» o ano era 2018 e pensei que, no momento da estreia da peça, o amor já teria tomado conta de tudo. Mas nunca estive tão errada



quanto naquela época. 2018 foi o começo do ódio. Um ano tão difícil, ouvíamos os gritos das manifestações de dentro do teatro. Isso quando não saímos e nos juntamos a elas. Será que podemos dormir e acordar somente quando tudo isso tiver acabado? Esse trabalho tem o gosto do centro do Rio. Tem o gosto desse tempo, amor em tempos de chumbo. Flor no asfalto. Ou seja lá o que for. Algo pequeno e delicado contra um furacão gigante e afiado. Tínhamos muito medo. Estranho falar de amor, pensávamos. Queremos falar de amor, mas... Como? Como se ama? Como sermos heróis, fios desencapados em tempos tão sombrios? Como sair de dentro da concha em meio a um mar tão violento? Ainda bem que tínhamos um ao outro. Ainda bem que tínhamos o Gerbert que tão generosamente criava a nossa paisagem sonora. Agora entendi porque quis falar dessa época como algo distante. Foi tão duro fazer teatro ali. Foi extremamente importante, mas... Foi tão duro. Que bom que estávamos no teatro, pensei. É sempre bom estar no teatro. Mesmo que seja para chorar. Escrever sobre hoje me faz ter uma sensação de sobrevivência, de vencer. De termos vencido aqueles anos. Algo como uma guerra. Era dito na peça que o amor é uma guerra. Hoje vejo que a guerra das ruas e das políticas também era uma guerra dentro. Os ensaios eram verdadeiras guerras para mim.

Com quem eu estava lutando, não sei. Sei que em cena eu lutava com um dos atores, uma luta de amor. Não sei até que ponto o amor está nas coisas. Amor é trabalho. É começar de novo, é paciência. Muito diferente do que queremos que seja amor. Como a gente chegou até aqui eu não sei. Mas chegamos. Acho que pra mim amor é isso "não sei, mas foi". O importante é ir. Um dia Martha disse "tem quem experimente o amor e ache maravilhoso, mas tem também quem ache muito ruim". Eu descansei nessa frase. Achar o amor ruim... como? Amor é bom, certo? Estamos todos de acordo com isso. Como poderia ser o contrário? Levei anos para entender. Agora eu, enquanto digito as teclas do meu notebook solto um sorriso. Por um minuto achei que entendi. Chega a ser divertida a ilusão. Acho que os trabalhos no teatro são ferramentas para nos entendermos a nós mesmos. Mesmo que o tempo daquela peça já tenha passado, ela pode vir a fazer sentido anos depois. Achar o amor ruim é isso agora pra mim. Aprendi que na autoficção os tempos se embaralham. Passado é presente, futuro é passado, tudo em todo lugar ao mesmo tempo. "As ruínas... são interessantes" - começava Martha. Lembro que nesse momento um vento passou pelo meu rosto. "Nas ruínas não sabemos se estamos vendo algo que está começando ou acabando. Olhe, por exemplo, a construção. Ela não parece uma ruína?"

O vento parou de bater. Era sinal de que algum espaço se abria dentro de mim. Daí fiquei nessa pira. Se eu construo algo, algo precisa ser destruído de antemão. Todos os caminhos se parecem. Tudo faz parte do mesmo movimento da transformação. Escrever sobre a minha passagem no LCICC é difícil. Talvez agora se aproxime de mim uma compre-



ensão de que aquele tempo era o olho do furacão da transformação. Eu estava em ruínas e isso doía muito. Não gostava de estar em ruínas. Hoje gosto. São interessantes as ruínas. Nelas não sabemos se estamos construindo ou destruindo algo. Talvez estejamos fazendo tudo ao mesmo tempo. Desconstruindo e construindo e derrubando e levantando. Essa engrenagem é potente. Vai durar. O que fazemos com o sentimento devastador da ruína? O que se fazer quando não se tem mais nada? O que fazer quando se cai? Quando se cai em si, de si, para si? Tudo bem se doer. E o que a gente faz depois?

Martha: A gente continua...

Bios:

Joana Caetano:

Atriz. Artista (e) educadora na Associação Cultural Lanchonete <> Lanchonete, parceira desde 2019. Graduada em Estudos em Arte Contemporânea pela UFF. Componho a coordenação do projeto Caminhos da Montanha, junto ao Coletivo VAV. Atuei em teatro, cinema e sou narradora de alguns títulos de audiolivros pela Ubook e Intrínseca. Integrei o LCICC como atriz nas peças “Mas afinal, quantos somos nós?” (substituição), “*Serata Futurista* ou De como as palavras são cheias de ar” e “Eu sou eu porque o meu cachorrinho me conhece”, de 2014 a 2018.

Thiago Piquet:

Doutorando em Educação na UFRJ. Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes e Bacharel em Produção Cultural pela UFF. Pós Graduado em Arte, Cultura e Educação pela AMPLI/Anhanguera. Atuou como preparador corporal e coprodutor do LCICC - projeto de pesquisa em teatro experimental, vinculado ao PPGCA/UFF e ao CNPQ. Trabalha na área de produção e logística da Cia de Ballet da Cidade de Niterói, desde 2014.

Renata Alves:

Artista-docente do Instituto Federal de Sergipe. Licenciada e bacharel em Dança pela Universidade Federal de Viçosa e Universidade de Lisboa/PT. Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduada em História da Arte. Foi bailarina, coreógrafa, performer e atualmente trabalha na educação com História da Arte. Atuou como preparadora corporal e performer do LCICC - projeto de pesquisa em teatro experimental, vinculado ao PPGCA/UFF e ao CNPQ, em 2013 e 2014.

Raíza:

Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense, graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Foi atriz e assistente



de direção do Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea - LCICC entre 2018 e 2020. Hoje é produtora cultural e atriz do Studio Stanislavski.

Martha Ribeiro:

Diretoria teatral, professora Associada da UFF, pesquisadora nível 2 do CNPQ e artista das artes da cena. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA) e do Programa de Pós-Graduação Artes da Cena (ECO-UFRJ). Possui Pós-Doutorado pela Unicamp (Fapesp/2009) e pela Università di Bologna (Capes/2016). É coordenadora do Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea, integrante da Rede Internacional de Pesquisa Diálogos. Criou em 2020 o Projeto Internacional “Conversas de Laboratório com a América Latina: Cenários do Sul”, plataforma digital de interações decoloniais para novos futuros. É autora dos livros: “Luigi Pirandello: um teatro para Marta Abba”, Ed. Perspectiva/Fapesp, 2010 e “Realismo Sedutor, o corpo-teatro e a invenção de realidades”, Ed. HUCITEC, 2022. e-mail institucional: martharibeiro@id.uff.br